

Revista de PARIS

1232

Rubem Braga

PARIS, dezembro — Começo de dezembro é época de aflição e polticialha na literatura francesa: são distribuídos os inumeráveis prêmios literários. Desde a Academia Goncourt até varios "butecos" de arrabalde, há uma serie de instituições que distribuem prêmios — e a concorrência é enorme. Parece entretanto que a safra de livros este ano não é grande coisa, no que se refere aos novos escritores. André Billy, da Goncourt, se lamenta de não ter aparecido nenhum desconhecido capaz de marcar uma época — como anos atrás apareceu Maïtraux, como depois apareceu Sartre.

E o critico André Rousseaux faz uma vistoria dos principais livros que se apresentam e conclui que a leitura desses numerosos romances "inspira um pouco de melancolia e, mais ainda, cansaço". Resume e critica cinco dos romances mais falados no momento e conclui sua cronica com esta frase: "Sabado que vem voltaremos a tratar de coisas serias..."

* * *

A proposito do cinquentenario da morte de Oscar Wilde, Michel Georges-Michel, que o conheceu pessoalmente (a quem ele não conheceu pessoalmente, nestes últimos 70 anos?) lembra que Wilde tinha o apelido de "Oscar-Boca-de-Ouro", não apenas pelo brilho de suas frases como tambem pelo fato de ter a boca cheia de dentes de ouro. E um jornal conta uma anedota triste. Um amigo de Wilde, Ernest Lajeunesse, foi visitá-lo em seu pobre quarto de hotel. Wilde estava aborrecido e desconfiado com esse amigo que, como tantos outros, o evitara na hora do oprobio. A certa altura Ernest perguntou porque ele estava morando ali sob o falso nome de Sebastian Melmoth. E Wilde: "é para deixar à vontade os falsos amigos..."

Depois dos filmes sobre Matisse, Picasso e Braque, os franceses fazem filmes sobre escritores. O Ministerio do Exterior encomendou um filme sobre Gide e Merc Allégret, e um sobre Colette a Yannick Bellon. Claudel tambem será assunto de um filme. A velha Colette comenta assim a coisa: "antigamente nos imortalizavam em bronze; hoje, em celulóide..."

17.12.50